

## ORGANIZAÇÃO DA CONVERSA ENTRE AMIGOS: UM OLHAR DA SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL

Danielle Gomes do Nascimento<sup>1</sup> (UFPB)  
Priscila Evangelista Morais<sup>2</sup> (UFPB)

### RESUMO

Sabe-se que a Linguística contemporânea está pautada na concepção de linguagem voltada o uso, compreendendo o fenômeno linguístico como prática social, através das situações concretas em que falantes/ ouvintes estabelecem na comunicação. No amplo campo inovador está a Sociolinguística Interacional, área da Linguística que busca compreender a língua através das relações sociais. Partindo desse pressuposto, esse artigo defende uma temática voltada para as relações interacionais a partir de uma conversa informal. Assim, o objetivo desse artigo é analisar o modo como os interactantes estabelecem a interação numa conversa entre amigos, observando as relações sócio-interacionais, os modalizadores e os tópicos relacionados à conversa. Em relação aos aportes teóricos, estará voltado para autores da Sociolinguística Interacional, como Kebrat-Orecchioni (1990), Goffman (1998), Koch (2001), Schegloff E. & Jefferson (1974) além de autores que compartilham e reconhecem a importância das relações sociais e interacionais na língua. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois parte do conhecimento empírico para uma análise teórica, sendo de fundamental importância o fator linguístico e social. A pesquisa foi realizada na cidade de Itabaiana, por meio de gravação em áudio, som e imagem. Para a pesquisa pensou-se em lugares e momentos que houvesse encontros de pessoas, de maneira que elas conversassem e interagissem entre si. O lugar escolhido foi, então, a padaria. Ao analisarmos a conversa entre os amigos na padaria, pode-se concluir que a tomada de turnos, os assuntos geradores das conversas e a troca conversacional entre os falantes são o fio condutor, e a base para a interação. Vale salientar que a organização da conversa

<sup>1</sup>Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós Graduação em Linguística/PROLING da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós Graduação em Linguística/PROLING da Universidade Federal da Paraíba.

também depende de contextos extralinguísticos como grau de familiaridade, nível de escolaridade, idade e a situação social dos interactantes.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Interação. organização conversacional.

## INTRODUÇÃO

A abrangência dos estudos linguísticos, nas últimas décadas, contribuiu para o surgimento de diversas linhas de pesquisas como a Pragmática, a Análise do Discurso, a Sociolinguística, a Psicolinguística, dentre outras. Todas essas áreas têm em seus objetos de estudo manifestações concretas da linguagem e dão ênfase aos fatores externos à Linguagem, proporcionando diferentes olhares sobre a construção de sentidos e as relações contextuais na produção textual e discursiva. Assim, a linguística contemporânea passa a pautar-se na concepção de linguagem voltada o uso, compreendendo o fenômeno linguístico como prática social, através das situações concretas em que falantes/ ouvintes estabelecem na comunicação. No amplo campo inovador dos estudos linguísticos, está a Sociolinguística Interacional, área da linguística que busca compreender a língua através das relações sociais.

Surge assim, a iniciativa de realizar uma pesquisa de campo voltada para conversas diárias. Entretanto, questionamentos foram levantados a partir dessa escolha: de que forma as pessoas organizam as conversas, quais as regras utilizadas pelos interactantes para manter a interação e ainda como a língua é concebida nas relações sócio-interacionais. Como hipótese a esses questionamentos subentende-se que, numa conversa, as pessoas organizam os assuntos de acordo com suas vivências, suas necessidades e suas expectativas, pois os interactantes utilizam-se das regras como estratégias para promover a interação.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois parte do conhecimento empírico para uma análise teórica, sendo de fundamental importância o fator linguístico e social. Para Chizzoti (2006, p. 144). O termo qualitativo implica uma partilha densa

com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse domínio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.

A pesquisa foi realizada na cidade de Itabaiana, por meio de gravação em áudio e imagem. Para a pesquisa pensou-se em lugares e momentos que houvesse encontros de pessoas, de maneira que elas conversassem e interagissem entre si. A gravação não foi marcada com antecedência, foi feita em um momento casual com pessoas que trafegavam no centro da cidade. Foram dois dias de gravação, o primeiro foi numa terça-feira, dia de feira livre na cidade e o outro dia foi numa sexta-feira, na principal praça da cidade. Para a análise foi escolhida o momento em que três amigos conversavam na padaria do centro da cidade, numa terça-feira. Estes, por sua vez, já haviam feito a feira e resolveram sentar para lanchar. Como a terça-feira é dia de feira livre, a cidade recebe pessoas das regiões próximas como são José dos Ramos, Juripiranga, Mogeiro, Caldas Brandão, Ingá, Boqueirão, além de áreas rurais. Para quem vem de outro lugar em dia de feira, há transporte cedido pelas prefeituras como ônibus, caminhão, entre outros.

Das três pessoas, apenas uma é da cidade de Itabaiana, as outras duas, uma é de Boqueirão e a outra é de Caldas Brandão (cajá).

O objetivo desse artigo é analisar o modo como os interactantes estabelecem uma conversa entre amigos, ocorrida na padaria do centro da cidade de Itabaiana, observando as relações interacionais, os modalizadores e os tópicos relacionados à conversa. Vale salientar que essa conversa aconteceu num momento eventual, não programado, e que procuraram conversar sobre assuntos diversos, em um período curto de tempo, e em lugares não estabelecidos previamente. Foram gravadas dezenove conversas. Porém, foi escolhida apenas uma para análise. A justificativa para a escolha foi à forma como os interactantes conduziram a conversa, além de se enquadrar nas propostas desse artigo.

Em relação aos aportes teóricos, o embasamento estará voltado para autores relacionados à Sociolinguística Interacional, além de autores que compartilham e reconhecem a importância das relações sociais e interacionais na língua.

Sobre a estrutura desse artigo, há dois tópicos; o primeiro apresenta uma breve explanação teórica sobre a língua nas relações sociais e interativas, o segundo, versará sobre a análise das conversas entre amigos, gravadas *in locus* específico, dando ênfase aos modalizadores e a estrutura tópica.

Portanto, este artigo tem como proposta básica a compreensão da língua sob a perspectiva da Sociolinguística interacional, mais especificamente, a análise da conversação que tem como fundamento as situações reais.

De acordo com a organização desse artigo, segue algumas considerações sobre a concepção da Língua nas relações social e interacional.

## 1. A LÍNGUA NAS RELAÇÕES SOCIAIS E INTERACIONAIS

A necessidade de reconhecer a língua em caráter social perdurou ao longo da história da linguística, embora só nas últimas décadas os estudos estivessem preocupados em justificar a linguagem partindo das situações concretas. Esse fato nos leva a crer que a língua passa a ser estudada em situações que muitas vezes foge a norma culta, ao modelo pré-estabelecido pela gramática. Entretanto, a língua passa a ser vista em sua forma natural, espontânea e multifacetada, tornando assim, variável e instável. Com isso, só será possível estabelecer juízo de valor ao discurso, se for analisado a partir de uma situação específica e em um contexto de produção em que os falantes estiverem inseridos.

Compreender a língua enquanto ato social é assumir que o falante faz parte de um determinado grupo, pois a língua que falamos denuncia o lugar de onde somos e mostra o grupo que pertencemos. Pela língua demarcamos nosso território, informamos nossa classe social, nossa cultura; enfim, os recursos linguísticos utilizados

pelos falantes fazem circular uma gama de valores, crenças, hábitos e costumes que marca o lugar, o espaço social.

A questão social da linguagem já foi reconhecida em Saussure (2006, p.16), quando afirmou que a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível reconhecer um sem o outro. Um pouco mais adiante Saussure (ibidem, p.17), ao apresentar o conceito de língua- linguagem, diz que língua é ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Nesse posicionamento, Saussure defende que não há como confundir língua e linguagem, embora diferencie os dois termos. Entretanto reconhece ambos como produto do meio social, utilizado pelos indivíduos por meio de regras e modelos pré-estabelecidos.

Segundo Bange (1993) apud Koch (2001, p.66) um ato de linguagem não é apenas um ato de dizer e de querer dizer, mas, sobretudo, essencialmente um ato social pelo qual os membros de uma comunidade inter-agem. Para Bange, a linguagem corresponde a uma ação pragmática, pois o “ato de dizer” está relacionado ao contexto social, o que depende das intenções e das regras utilizadas pelos indivíduos no momento da interação.

Reconhecer a linguagem enquanto um ato social é estar consciente de que a língua representa o indivíduo na sociedade através da comunicação e da interação entre os membros do grupo. Assim, estudar a língua nessa perspectiva, é reconhecer a interação como peça fundamental na comunicação.

O termo *Interação* é compreendido na Sociolinguística Interacional como a base para a comunicação. Barros (2007, p.42) afirma que Estudiosos como E. Hall e Goffman, já a partir de 1950, propuseram um modelo circular para a comunicação, sendo repensada não mais como um fenômeno de mão única, do emissor e receptor, mas como um sistema em que o receptor produz efeitos de reação sobre o emissor<sup>3</sup>. Entende-se que interação é a relação existente entre dois ou mais interlocutores,

---

<sup>3</sup> Cf. FIORIN, José Luiz (org). Introdução a Linguística, São Paulo: Contexto, 2007.

através da troca de informação de maneira que haja a intercompreensão mútua. Hall (1968, p. 158) apud Lyons (2009, p.4) nos diz que a linguagem é a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados. Segundo Lyons, Hall utiliza o termo “símbolos” para se referir aos sinais vocais que são transmitidos pelos interlocutores no processo de interação. Bakhtin foi o pioneiro nos estudos linguísticos da interação. O autor Russo defende a interação como um processo dialógico onde o *eu* não existe sem o *tu*.

Para Kebrat-Orecchioni há, numa interação, basicamente dois representantes - o emissor e o receptor: “O emissor não deve somente falar, mas falar com alguém, e sinalizá-lo pela orientação do corpo, a direção do seu olhar, e a produção de marcadores verbais de elocução [...] O receptor, por sua vez, deve também, produzir sinais de escuta e de participação efetiva nessa troca comunicativa (1990 p.18-24)”.

Numa interação, tem-se o que Goffman denomina processos de figuração, isto é, processos por meio dos quais os interlocutores se representam uns diante dos outros de determinada maneira (Koch 2001, p. 107). O que implica dizer que, numa conversa, a linguagem pode variar de acordo com a situação social em que os interlocutores estão expostos, como por exemplo, numa conversa entre amigos é diferente de uma conversa em casa, na condição de mãe ou de filho. Os interlocutores modificam sua linguagem para atender a condição social em que encontra.

Goffman defende a interação pela comunicação face a face. Para Barros (2007, p. 42-43) Face é a expressão social do eu individual, a autoimagem pública construída. A interação põe em risco a face. Há estratégias tanto para ameaçar e atingir a face do outro quanto para protegê-la ou preservá-la, que variam de língua para língua, de cultura para cultura. De acordo com seu posicionamento, podemos compreender a expressão facial, como um domínio individual, mas que é apreendido socialmente, mesmo que de forma inconsciente. A reação da face pode variar na interação, dependendo da língua e da cultura.

Em uma interação, há um conjunto de elementos que tornam a comunicação eficaz, quais sejam: a situação social dos interlocutores, o repertório linguístico utilizado pelos participantes, os aspectos verbais, e para-verbais, enfim, todos os elementos que auxiliam os interlocutores na inter-compreensão mútua.

Portanto, a interação pode ser entendida como um processo que não se limita apenas a presença de dois ou mais interactantes, mas é uma prática pelo qual estão envolvidos uma gama de elementos que são socialmente determinados. Percebe-se assim, como são estreitos os limites entre os aspectos sociais e interacionais na língua, de maneira que não dá para compreender *interação* sem fazer referência *meio social* do indivíduo, principalmente numa conversação, em que são indispensáveis esses aspectos. Cabe ao próximo tópico apresentar as características da conversação.

## 2. ORGANIZAÇÃO DA CONVERSAÇÃO ENTRE AMIGOS OCORRIDA NO CENTRO DA CIDADE DE ITABAIANA

No dia-a-dia é comum encontrarmos com os amigos na rua ou lugares públicos, sem haver um agendamento prévio. Esses encontros podem ser rápidos ou demorados, descontraídos ou formais, mas sempre são situações sociais em que indivíduos projetam alguma intenção comunicativa sobre os outros. Sobre situação social Goffman (1998, p. 14) define:

Eu definiria uma situação social como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão presentes e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante.

No que se refere à conversa para a análise desse artigo, a situação social foi a padaria do centro da cidade de Itabaiana. Nessa padaria, são comuns às pessoas um encontro para tomar um café, conversar sobre si ou sobre os outros, trocarem informações, enfim, é um ambiente onde as pessoas interagem. Como diria Goffman, a

situação social é o lugar que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento entre indivíduos. Tal afirmação remete a compreensão de que os interlocutores se monitoram para adequar-se ao lugar social, ou seja, a postura do falante com os amigos numa festa é diferente da postura no trabalho. Essa adequação é um tipo de regra utilizado pelos interactantes numa conversa, para conviver socialmente.

Toda conversa há um assunto abordado, ou vários assuntos abordados que varia de acordo com as necessidades dos interactantes. Os assuntos abordados numa conversa são denominados *tópicos*, na perspectiva da análise da conversação.

Na linguagem comum, tópico é, portanto, aquilo sobre o que se fala. (Koch, 2001, p. 72). Vejamos um trecho da conversa dos amigos na padaria, e a distribuição dos tópicos:

Contexto - Três amigos estão conversando em uma padaria, dia de feira livre. Era um dia de muito movimento na padaria, muita gente entrando e saindo. Numa mesa, estavam três pessoas, duas pessoas sentadas e uma em pé. Estavam sentados uma senhora e um rapaz. As pessoas que estão sentadas estavam lanchando e a quem estava em pé havia chegado a pouco tempo. Esta, por sua vez, se dirigiu a apenas uma pessoa, a senhora. O rapaz continuou lanchando. O início da conversa diz respeito a um ferimento. A senhora 1 e a Senhora 2 conversam:

S1: Sem brincadeira

S2: Eu ligo essa semana pra você

S1: Eu ligo

1º tópico: ferimento

S1: Você num toma dois não, só toma um.

S2: É de tarde ou de noite que toma (balançando a cabeça):

S1: De tarde, de noite eu já durmi. Eu não aguentava...

S1 (Interrompe a conversa e fala com uma pessoa que chega na padaria): Oh Caja!!!



S1: (retoma o mesmo assunto) Eu num podia colocá minha perna ali, minha perna assado. Era uma agunia terrível, mas para honra e glória do senhor, eu num tô sinto mais nada. Era pa eu tumá outo, me isquici...

S2: eu num acredito não, melhorou e já nem secou...

S1: Não mulher, é que eu pensei que tivesse butado aquele meu óculo no laboratório

S2: (rindo) mas é mermo, [truncado]

(...) pausa curta

2º tópico: confecção do  
conjunto de cozinha

S1: Aí, quando eu terminá a passadeira, aí eu vou leva pra tu vê. Linda não. Tem cada conjunto em casa tão bunito fofa. Quando terminá eu vou leva pra tu vê

S2: E o preço?

S1: É o mermo de antigamente, eu num aumentei nada. Eu faço por amor.

S2: (iniciando um novo tópico) Sabe quem, quem teve lá em casa, Dr.Valmi

S1: e foi

S2: Dr. Valmi

S1: Quem é esse?

S2: Lembra não, do CEAP?

S1: mintira fofa

S2: ( confirma, balançando a cabeça) tá lá

S1: num é o marido de Dra. Alessandra

3º tópico: visita do  
médico

S2: (... ) ( se volta para uma quarta pessoa que se aproxima da mesa)

Uma quarta pessoa S4 que passava pela padaria viu o integrante da conversa, o rapaz R3 sentado e, interrompendo a conversa fala:

S4: Oia amor, num esquece não, tu deixa cum ela , visse!

R3: deixo

S4: com nome, viu filho!

4º tópico:  
encomenda

Voltando a conversa anterior, as senhoras retomam o assunto do médico:

S1: e eu vou repondê carta, pra tu mostrá a ele, tu vai vê

S2: E ele tá dano plantão nas quinta-feira de manhã

S1: Apôi pronto

S2: Oia, agora mermo ele tá atendeno lá de tarde

S1: Aqui tá de recesso, [tudo fechado]

5º tópico:  
retomada sobre o  
médico

O rapaz R3 interrompe a conversa perguntando a senhora S1 sobre a galinha que havia comprado na feira:

R3: [cadê tua galinha]

S1: tá aqui

R3: (dá risadas)

S2: hoje ela perde as galinha...

S1: perco não, porque ó, tô co meu ( apontando para o chão onde está sacola com a galinha comprada)

6º tópico: sobre a  
galinha

A senhora S2 olha para o relógio da amiga, se prepara para sair, e se pergunta:

S2: Que hora são, oh! já são quinze pra's dez

Depois tenta conferir a hora com o relógio da padaria que está um pouco distante. Nesse mesmo instante a Senhora S1 retoma a conversa sobre sua produção de conjunto de cozinha

S1: Aí quando for, quando eu terminá a passadeira, eu vou levá uns pano de prato pra tu vê, tem cada coisa bunita, eu tenho em casa.

S2: (confirma com a cabeça)

S1: eu te ligo [truncado]

7º tópico: retoma sobre a confecção do conjunto de cozinha

Nessa conversa podemos perceber a variedade e a flexibilidade de tópicos que os interactantes mantiveram. Nesse pequeno trecho, foram observados sete tópicos que se alternaram, dentre os quais, dois tópicos foram retomados na interação.

A motivação para o primeiro tópico foi o ferimento na perna de S1, gerando curiosidade em S2 pela rápida cicatrização.

A mudança para o tópico 2 foi marcada por uma pequena pausa de S2. Entretanto S1 sente necessidade de manter a interação e retoma no mesmo tópico, falando sobre sua produção de artesanato, através do marcador conversacional *aí*. Como confecciona conjuntos de cozinha, procura sempre retomar esse assunto, visível também no tópico 7, na tentativa de vender seu produto.

Em relação ao tópico 3, quem inicia é S2, com o assunto sobre o médico, que pelo contexto enunciativo, prestou serviço a ambas. Entretanto, esse tópico é rapidamente interrompido por uma pessoa de fora, que introduz um novo tópico.

O tópico 4 é introduzido por uma pessoa que não faz parte da conversa. Esta, por sua vez se dirige a S3, lembrando-o da encomenda. Nesse instante, S1 e S2 respeitam a segunda regra da conversação – *“Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez”*, esperando a pessoa dar o recado.

Depois de uma pequena pausa, S1 retoma o tópico sobre o médico. Para ambas, a retomada do tópico é justificada pela importância do médico em suas vidas, através da demonstração de carinho que tem pelo médico, chegando a afirmar que vai responder carta para ele (quando S1 informa que vai escrever uma carta para ele).

No mesmo momento em que S1 está terminando sua fala, S3 inicia o tópico lembrando a mesma sobre a galinha que havia comprado. Durante a conversa, o rapaz S3 quase não interagiu com S1 e S2, preferindo lanchar e participar apenas como ouvinte. Como interagiu pouco, sentiu necessidade de participar lembrando a galinha que S1 comprara. Esse sexto tópico foi bastante descontraído pelos integrantes da conversa, pois gerou risadas e ênfase de S2 informando que S1 pode esquecer a galinha. Esta, por sua vez, confirmou a impossibilidade de esquecer, pois estava sobre seus pés.

Em relação às mudanças de situações comunicativas existentes na conversa Sacks, H., Schegloff, E. & Jefferson, G.(1974) defendem:

A conversa pode acomodar uma vasta gama de situações, interações nas quais estão operando pessoas de variadas identidades (ou de variados grupos de identidades); ela pode ser sensível às várias combinações; e pode ser capaz de lidar com uma mudança de situação dentro de uma situação.

O posicionamento dos autores nos leva a entender que as diversas situações e interações entre os interactantes são marcadas por suas identidades individuais e sociais, podendo determinar os tópicos abordados. A *topicalização* nessa conversa foi construída por pessoas que não tinham preocupação em delimitar, escolher palavras, ou direcionar um assunto específico. A única preocupação foi manter o canal comunicativo aberto, permitindo a troca de informação, e conseqüentemente a interação entre elas. Sobre a liberdade dos interactantes numa conversa Sacks, H., Schegloff, E. & Jefferson, G.(1974) afirmam:

Deve-se esperar que alguns aspectos da organização da conversa tenham esse *status* de serem livres de contexto e sensíveis ao contexto; pois, é claro, a conversa é um veículo para a interação entre partes com quaisquer identidades potenciais e com qualquer grau de familiaridade potencial.

Esse *status* de liberdade, defendido pelos autores, confere aos falantes e ouvintes pistas importantes para que aconteça a compreensão. No decorrer da conversa foi comum encontrar elementos que comprovam a liberdade de expressão oral como *sobreposição de vozes, adjunções e os marcadores conversacionais*. Vejamos cada um deles com trechos da conversa:

### Sobreposição

A *sobreposição* consiste na fala de um dos interactantes durante o turno do seu parceiro conversacional. O uso do colchete marca a ocorrência desse fenômeno.

S1: (...) minha menina contratou... um tal de...

S2: [aí a a minha menina... mais nova  
contratou um tal de pula-pula

S1: sim e o algodão

S2: [algodão doce

Foram muitas as ocorrências do fenômeno em questão no *corpus*, o que significa que a sobreposição é um elemento frequente e forte nas conversas cotidianas.

### Adjunções

Ainda neste mesmo exemplo, observa-se também que S2 apresenta uma informação *a posteriori*, através do uso do vocábulo "*mais nova*". De acordo com Koch (2001), os processos de reconstrução consistem em uma reelaboração da sequência discursiva.

Sua função é, geralmente, a de formular melhor ou reformular um segmento maior ou menor do texto já produzido, às vezes para sanar problemas, detectados quer pelo próprio locutor, quer pelo parceiro. Para tanto, o locutor procede a *correções* ou *reparos*, *repetições*, *parafraaseamentos* e *adjunções* (acréscimos). (KOCH, 2001, p. 99)

É provável que o uso de *mais nova* deva ter ocorrido devido S2 ter achado que deixou de fornecer um dado importante ou ter sentido a necessidade de complementar uma informação que não ficou completa.

### Marcadores Conversacionais

Os marcadores conversacionais (MCs) são classificados como constituintes do discurso amplamente presente na atividade conversacional que dão indícios aos interlocutores, “visto que eles como que ‘pontuam’ o texto” (KOCH, 2001, p. 106). No tocante a função, os MCs servem como colaboradores na compreensão do texto falado. De acordo com o Marcuschi (1986) os marcadores conversacionais:

Podem aparecer em várias posições: na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares. Fundamentalmente eles podem operar como *iniciadores* (de turno ou unidade comunicativa) ou *finalizadores*. (MARCUSCHI, 1986, p. 61).

Os *marcadores conversacionais* sinalizam a progressão narrativa, tendo como função a ligação dos turnos. Servem como pistas para a compreensão do texto oral tanto para o falante quanto para o ouvinte.

Vejamos a seguir, trechos extraídos do *corpus* analisado:

S1: (...) minha menina contratou... um tal de...

S2: [aí a a minha menina... mais nova  
contratou um tal de pula-pula

S1: sim e o algodão

S2: [algodão doce

S1: hum

S2: e um monte de comida né?

mas só que quando os pirrai viu o pula-pula deixo o cume todin e nada de ( )

S1: hum

S2: daí a pouco meu filho quando terminou a ( )

Neste exemplo, observamos que certos marcadores foram usados para marcar a sequência de narrativa, como é o caso de *aí* e *daí*. Nota-se que o S1, ao retomar uma conversa que havia sido interrompida num determinado ponto, apresenta sempre uma posição de engajamento com relação ao discurso de S2. Os marcadores que marcam essa concordância são: *sim* e *hum*. O uso do *né* indica que o conteúdo de um subtópico está no fim. Neste caso, o marcador analisado sinaliza que S2 finalizou o subtópico que tratava de tudo aquilo que foi contratado por sua filha.

Portanto, numa conversa do dia-a-dia foi possível compreender como os interactantes se utilizam de mecanismos discursivos variados, como estratégias para interagir com os outros e conviver socialmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrarmos pelos liames da Sociolinguística Interacional, nos deparamos com uma concepção de língua dinâmica e viva, presente nas situações mais simples e corriqueiras da vida do indivíduo. O desafio era comprovar a perspectiva teórica no contexto local, com indivíduos conversando assuntos diversos, com finalidades comunicativas voltadas para a interação e a para a compreensão mútua. De acordo com as gravações, percebemos que cada grupo possuía sua maneira própria de se

comportar e de se comunicar, variando os assuntos e as situações. Como a base de toda conversa é a oralidade, defendemos a ideia que cada conversa é única, pois cada grupo se compõe de identidades individuais e culturais que vão construindo e reconstruindo a todo o momento, à medida que suas experiências e conhecimentos são compartilhados uns com os outros.

Ao analisarmos a conversa entre os amigos da padaria pudemos concluir que a organização da conversa está relacionada ao contexto aos quais os interactantes estão envolvidos, podendo variar de acordo com a situação social.

Percebemos também que a tomada de turnos, a troca conversacional entre os falantes é o fio condutor, é a base para a interação de maneira que quaisquer variações que as partes apresentem na conversa são acomodadas por pequenas regras que não implicam mudança na comunicação. Vale salientar que as conversas são localmente afetadas por aspectos sociais do contexto.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Pessoa de. In: FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à Linguística*. 5 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHIZZOTI, A. *A pesquisa qualitativa nas ciências humanas e sócias*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- FIORIN, José Luiz (org). *Introdução a Linguística*, São Paulo: Contexto, 2007.
- GALEMBECK, Paulo de T. *Processos de monitoramento do falante como recursos de envolvimento interpessoal*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/10/10.pdf>> (Sem Data). Acesso em: 20 de Janeiro de 2013.
- GOFFMAN. Erving. *A situação negligenciada*. In: RIBEIRO, Branca Telles. *Sociolinguística Interacional - Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p.11-15.
- KOCH, Ingedore V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- KERBRAT-ORECCHIONI C. *Les interacions verbales*. Paris: CREDIF/HATIER, 1984. Coll. LAL. In: CHIANCA, Rosalina Maria Sales. *Interagir em língua estrangeira: um assunto sócio-cultural*.
- LYONS, John. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*; tradução Marilda Winkler Averborg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009.



MARCUSCHI, Luiz A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

SAPIR, Edward. *A Linguagem: Introdução ao estudo da fala*; tradução de J. Mattoso Câmara jr. 2ª edição. Rio de Janeiro: GB, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. *Curso de linguística geral*; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio de Isaac Nicolau Salum; tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Bliksyein. – 27.Ed.—São Paulo: Cultrix, 2006.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, 1974.